

6 *Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado*
 Ano II nº 18 SP
 Novembro 1983

ENSAIO

ARISTÓTELES

Índio omáguia, com a deformação do crânio feita nas crianças, por compressão na testa, por meio de talas. Desenho a manquim de José Joaquim Freire. O original está na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



AMAZÔNIA: Os índios antes do massacre.

Quando se fala em primeiras notícias sobre índios do Brasil ocorrem imediatamente os nomes de Anchieta, Léry, Hans Staden e tantos outros cronistas que acompanharam a colonização do litoral. Os imensos territórios da Amazônia e do Planalto Central e suas centenas de tribos indígenas só foram conhecidos em época mais tardia, praticamente a partir do século 18, quando aliás já esmorecera a curiosidade renascentista pelo exótico e pelo novo que tanto motivara os homens do século 16 à conquista como à observação e à descrição das populações indígenas. Quando a ocupação efetiva do interior da Amazônia e do Planalto Central levou missionários e administradores a relatar o que viam, a população indígena já havia sofrido profundas transformações. As doenças introduzidas pelo colonizador chegavam sempre antes das guerras, das tropas de resgate e do trabalho forçado. Com a população dizimada (e não se trata de força de expressão: quedas demográficas da ordem de dez ou vinte para um no espaço de poucas gerações foram freqüentes na América indígena), o grupo sobrevivente sofria um processo muitas vezes irreversível de desintegração sociocultural. Normas de casamento não podiam ser observadas por falta de parceiros disponíveis; cerimoniais importantes para a manutenção da solidariedade grupal não podiam ser desempenhadas por insuficiência de indivíduos aptos a desempenhar papéis específicos; técnicas de controle da natalidade, outrora eficazes para a manutenção do equilíbrio demográfico, tornavam-se perversas na medida em que impediam a retomada do crescimento populacional. Assim enfraquecido, o tecido social e humano oferecia pouca resistência à agressão, à pilhagem e ao alcoolismo. O próprio aldeamento nas missões religiosas desintegrava os padrões culturais pela catequese e pela convivência de indivíduos procedentes de tribos diversas.

A Várzea Amazônica

Na Amazônia, a cronologia e o ritmo da ocupação européia, associados a esses processos desintegradores, fizeram com que boa parte da documentação etnográfica, hoje conhecida, retratasse as sociedades indígenas em condições já bastante modificadas. Existem, porém, algumas crônicas de viajantes dos séculos 16 e 17 que nos deixam entrever alguma coisa do modo de vida anterior ao contato com os brancos. Essas primeiras notícias sugerem que havia, na várzea amazônica, formas de organização social e padrões culturais indígenas diferentes, e, em diversos aspectos, mais elaborados daqueles que iriam ser observados mais tarde no resto da Amazônia. Em outras palavras, as populações que à época do Descobrimento viviam ao longo do rio Amazonas, e que desapareceram com a ocupação européia, não correspondiam ao modelo, hoje, bem conhecido das tribos amazônicas. Aldeias

Cuidadoso levantamento das fontes históricas, efetuado pelo Professor Antonio Porro, doutor em História, oferece uma visão panorâmica do estado demográfico e cultural em que se encontravam as populações indígenas da várzea amazônica na época do Descobrimento, muito diferente do modelo, hoje, bem conhecido.

com centenas, talvez milhares de habitantes; unidades políticas muito maiores do que o grupo local; aproveitamento intensivo de recursos naturais diversificados; comércio regular de longa distância, inclusive, com populações dos planaltos andinos; roupas de algodão tecido e pintado; ídolos de madeira; tudo isso revela um quadro referencial muito mais complexo do que se poderia supor a partir de observações mais recentes e limitadas à terra firme. Muito embora os antropólogos não estejam de acordo sobre eventuais limitações da terra firme em relação à várzea, no tocante à possibilidade de sustentar populações e economias mais complexas, é certo que a várzea oferece recursos naturais em quantidade e variedade muito maiores do que a terra firme. Dessa forma, apesar de as inundações atingirem proporções às vezes catastróficas, a várzea oferecia condições materiais para a subsistência de populações indígenas muito maiores que as predominam na terra firme, o que dá credibilidade às afirmações dos primeiros cronistas. Aliás, um depoimento do jesuíta Samuel Fritz, nos últimos anos do século 17, atesta que os Omáguas, uma das principais tribos da várzea amazônica, consideravam a terra firme "lugar para Ancas e Tapuias", isto é, para bárbaros.

As Crônicas

As crônicas de que falamos correspondem, grosso modo, ao período 1540-1700 e se distribuem em dois momentos históricos. O primeiro, ligado à primeira exploração do Amazonas por Francisco de Orellana (1542) e à trágica expedição de Ursua e Aguirre (1560), é o mais importante porque revela um mundo indígena ainda virgem do contato interétnico. O segundo começa quase oitenta anos mais tarde, com a expedição de Pedro Teixeira ao Equador (1637-1639) e se estende até o final do século 17. Entre os dois momentos há um vazio documental durante o qual se desencadearam os processos de despovoamento e mudança cultural que irão levar, no decorrer do século 18, à destruição quase completa das populações da várzea. O período 1540-1560 está documentado pela relação de Gaspar de Carvajal, o dominicano que integrava a expedição de Orellana (1), pela carta de Diogo Nunes, um aventureiro português que parece ter estado no alto Amazonas em 1538 e que catorze anos mais tarde dirigiu-se a D. João III relatando essa viagem (2), e por um conjunto de crô-

nicas escritas por membros da expedição de Ursua e Aguirre, as principais sendo as de Francisco Vasquez (3) e do capitão Altamirano (4). Carvajal é a fonte principal, embora Vasquez e Altamirano forneçam dados mais completos com relação a algumas tribos do Solimões. O paradoxo de Carvajal é que, apesar da inquestionável importância da sua relação, o seu crédito perante a historiografia moderna foi seriamente prejudicado por ter divulgado a lenda das Amazonas americanas. Na verdade, os críticos de Carvajal não parecem ter percebido uma distinção muito importante que o próprio cronista faz nas entrelinhas: de um lado, uma tribo da foz do Trombetas com quem os espanhóis travaram combate, e entre cujos guerreiros haviam também uma dúzia de mulheres, possivelmente em posições de mando; de outro, a crença, amplamente difundida desde os Andes peruanos até o baixo Amazonas, de uma província só de mulheres, num contexto edênico de grandes riquezas e perspectivas de sexualidade extraconjugal. Um índio do Trombetas aprisionado no combate repetiu aos espanhóis aquela narrativa e, confessava Carvajal, "não divergia daquilo que antes (...) em Quito e no Peru, diziam outros índios, e lá diziam muito mais..." (5). Mas nem Carvajal nem ninguém jamais viu aquelas mulheres de que os índios, talvez para criar uma miragem que atraísse para bem longe os incômodos espanhóis, falavam com insistência. Conhecendo-se a propensão dos viajantes a ver em toda parte indícios daquilo que se espera encontrar, e a habilidade dos índios em contar aquilo que os brancos querem ouvir, não deveria surpreender que as mulheres guerreiras do rio Trombetas tenham-se transformado nas míticas Amazonas.

O segundo grupo de crônicas é constituído pelo diário do jesuíta Cristóbal de Acuña (6) que, em 1639, acompanhou Pedro Teixeira na viagem de regresso a Belém do Pará; pela crônica do franciscano Laureano de la Cruz, que em 1647 desceu de Quito para o alto Amazonas onde viveu até 1650 (foi o primeiro cronista a ter uma convivência prolongada com uma tribo da várzea, os Omáguas, o que dá peso às suas informações) (7); pela Descrição de Maurício de Heriarte, antigo companheiro de Pedro Teixeira e que, em 1662, como ouvidor-geral do Maranhão e Grão-Pará, escreveu um importante tratado (8); pelo diário do jesuíta Samuel Fritz (natural da Boêmia

e servindo nas missões peruanas) que, de 1686 a 1724, viveu entre as tribos do alto Amazonas (9); e, finalmente, pela Crônica de Betendorf, também jesuíta e alemão, mas servindo nas missões portuguesas; as suas notícias sobre índios são mais dispersas e se referem, principalmente, ao baixo e médio Amazonas (10). Pelo final do século 17, as epidemias e os descimentos haviam de tal forma dizimado as tribos da várzea que os cronistas do século 18 só conseguem descrever os escombros dessas comunidades. José Gonçalves da Fonseca, João Daniel, Ribeiro de Sampaio, Monteiro de Noronha e muitos outros contribuem somente com observações esparsas sobre um ou outro traço sobrevivente do antigo mundo indígena. Maior destaque merece a obra do grande naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, cujas Memórias, e os desenhos que as acompanham, embora tardios (1783-1791), recuperam, pela primeira vez, com métodos e perspectiva científica, aspectos importantes da cultura indígena.

As Tribos

Vejamos agora como se apresentava a população indígena das margens do Solimões, ou alto Amazonas, em meados do século 16. Não será uma descrição sistemática, porque as notícias são fragmentárias, tendo os cronistas registrado, em cada tribo, somente aqueles aspectos que mais lhe chamavam a atenção. Pouca importância deve ser dada ao nome das tribos, que, em geral, era dado pelos exploradores com critérios os mais arbitrários possíveis. Nas notícias do segundo período (século 17) aparecem, para a mesma região, nomes tribais diferentes e que se firmaram na literatura histórica e antropológica.

Aparia ou Carari. Do alto para o baixo Amazonas, a primeira tribo (ou província), na conceituação dos viajantes, era a de Aparia, que algumas fontes chamam também Carari. Estendia-se por mais de 600 quilômetros, desde o baixo Napo até a região de São Paulo de Olivença, algo acima da foz do rio Içá. Umhas vinte aldeias de até 50 cabanas grandes sucediam-se pelas duas margens do rio, separadas por roças de milho e mandioca. Aparia Grande, a aldeia principal, estava nas proximidades da foz do Javari, hoje fronteira entre Peru, Colômbia e Brasil, e tinha, conforme os cronistas, alguns milhares de habitantes. A chegada dos espanhóis, saíram ao rio "mais de 300 canoas, das quais a que menos gente levava eram 10 e outras 12 navegantes (...) e assim fizeram ao governador Pedro de Ursua um grande presente de mais de 50 canoas de peixe, milho e inhames". Os índios vestiam "camisetas pintadas com desenhos e cores ao modo do Peru, e todos traziam enfeites de ouro muito fino". O ouro não era produzido na região, mas vinha "da terra adentro, onde havia grandes povoados de gente vestida de muita razão e muito rica", com quem os de Aparia mantinham comércio regular. Duas palavras regis-

